

# A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Director,

Vitorino Simões Lopes Sampaio

Propriedade da Empresa de **A Velha Guarda**

Editor,

Alcindo Dias Pereira

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Rua 31 de Janeiro, 165 — Composto e impresso na Tip. do "Noticias de Fafe": Rua Monsenhor — FAFE

## O presente e o passado

Há dias, appareceu nesta cidade um cidadão, com ares de investigador, que desejava conhecer alguma coisa acerca de Guimarães. E, nesta ordem de ideias, o illustre cavalheiro, cujo nome não revelou, fez a um nosso amigo as seguintes perguntas: Onde está instalado o Regimento?

Isso é coisa que não existe cá na terra, respondeu envergonhado, o nosso amigo. Em seguida, surge esta pergunta: Pode dizer-me se o Liceu Central é muito frequentado? Aqui, há somente Liceu Nacional, respondeu, um tanto comprometido, o nosso amigo. Sem perda de tempo, o visitante faz mais a seguinte pergunta: Sabe informar-me dos progressos da Escola Industrial e Commercial desta terra, que é importantíssima pelo seu comércio e pela sua indústria? A nossa Escola Técnica foi *mutillada* com a última reforma, devido a serem extintas várias disciplinas de reconhecida importância neste meio, respondeu, já falto de paciência, o nosso amigo.

Estas três perguntas e respectivas respostas deixaram o visitante tão mal impressionado, que chegou a convencer-se de que só por engano poderia afirmar que estava em Guimarães, cidade que outrora foi progressiva e florescente.

De facto, a nossa terra parece não existir, tal é o abandono a que tem sido voltada.

E' necessário fazê-la reviver, tirá-la do marasmo em que se encontra, para que não estejamos a dar aos nossos visitantes a triste impressão de que as forças vivas desta laboriosa terra estão letárgicas.

## Nós e eles...

Ribeiro de Carvalho, campeão victoriado da imprensa Republicana, traçou no seu brilhante jornal «A Republica» um primoroso artigo á volta destas palavras lodosas: *não ensinar a ler nem a escrever o povo das aldeias porque a instrução é prejudicial ao homem.*

Vinham elas estampadas em letra redonda num pasquim catolico de Braga. Já alguma imprensa da provincia se lhes referin, e entre ella «O Povo de Aveiro» pela pena de Homem Cristo.

«A Velha Guarda»—que enfileira resolutamente ante o inimigo comum—deseja contribuir tambem com a parte do seu esforço.

Não nos deve intimidar o barbarismo daquellas expressões, porque o nosso arnés embota os gumes acerados das lanças que manejam todos os exercitos da «sé apostolica, etc... e coisas.

Que valem todos eles?—os batalhões de morcegos ou de corujas ou de mochos, irmanados pela fobia da luz e com accentuada vocação para viver nos lagos pestilentos?

Nada. Estes animalejos deslocam-se da época em que vivemos e—porque a luz se projecta a jorros em todas as direcções—envolvem-se nos seus habitos negros,

## Generosidade da República

«O sr. dr. Martins de Carvalho, teve hoje uma larga conferencia com o sr. Ministro das Finanças sobre o caso dos bens da Casa de Bragança».

(Do «Jornal de Noticias», de 8-2-931).

Os bens da «Casa de Bragança» formam, em conjunto, um velho morgadio que ainda rememora, no seu mutismo secular, as deshumanas imperfeições do regime absoluto. Os liberais, no intuito de adaptá-lo à nova ordem de coisas, forjaram uma medida excepcional para suavisar o paradoxo da sua existência.

Ficou constituindo, pois, o apanágio dos príncipes herdeiros. A' volta desta «rica propriedade» veem desfiando um rosário de cabalas todos os «camelots du roi», adestrictos pedantemente a um enxêrto que entronizam teóricamente. Respondem-lhes, por sua vez, os fámulos de Manuel de Bragança com subtilezas e disfarces. E a luta trava-se renhida com novos comparsas pelos flancos. Porque os monárquicos subdividem-se em muitos grupelhos que mútua e cordialmente se acicatam, para orgulho e edificação de suas majestades... os ausentes.

São os integralistas de Nuno que aceitam Manuel de Bragança enquanto vivo; os manuelistas que toleram Nuno como herdeiro dêste, quando morto o exilado de Richmond; os intransigentes integralistas que querem pura e simplesmente a recondução aos *suadosos* tempos de Agostinho de Macêdo para zurzir as sacrílegas costelas dos liberais; os falidos de 1910 que — eivados de tantos vícios! — sucumbiram ao grito glorificador dos Republicanos. Só desejam Manuel de Bragança e repelem a Duarte Nuno.

Há ainda os que não sabem o que querem; há mais e mais e mais, etc. Uma barafunda de grêgos e troianos! Eles não se entendem e tem-lhes fracassado todas as tentativas de união — como o affirmam Caetano Beirão e Francisco Quintela, da «acção realista», numa carta dirigida ao dr. Alberto Pinheiro Tôrres.

E nós, que muito saboreamos o ruidoso espectáculo, chuchamos do caso. Afinal, toda esta gente, esta enfiada de grupos e grupêlhos, não excede uma parca meia dúzia de madiuros — possíveis candidatos às vagas de Condé de Ferreira e Rilhãfoles.

E agora, seja-nos permitido dissertar sobre o tão debatido problema dos bens da «Casa de Bragança».

Achamo-nos no direito preliminar e incontestável de emitir uma opinião. Todas as nações desapossam, geralmente, os respectivos soberanos, das suas propriedades, ao proclamarem a República.

Em Portugal — *mercê dum sentimentalismo doentio ou complacência um tanto criminosa* — não se verificou o facto. Foi duma generosidade extrêma a República Portuguesa!...

Porque, se a monarquia ainda existisse, teria o proprietário desses vastos domínios — que era neste caso Manuel de Bragança — de inventar um descendente para possuí-los...

E este não seria o *bébé* dos integralistas, visto intitular-se *rei*. . . lá pela teoria dos caceteiros. Dito isto preguntamos:

¿Como pode conceber-se que a República conceda a um soberano deposto uma regalia que a própria monarquia lhe negava se existisse?

O sr. ministro das Finanças nem devia, por mais tempo, contemporisar com esta stúcia de nunistas e manuelistas que só conseguem desviar-lhe a atenção dos gravíssimos problemas que hoje nos assoberbam. Como o problema agrícola, que urge remediar imediatamente para evitar a catástrofe que pode surpreender-nos, há outros em Portugal.

E o sr. ministro das Finanças, porque tomou sobre si a parcela mais espinhosa do governo, deve meditá-los.

Há uma simples attitude a tomar que é — para nós que nada pretendemos da Dila-dura — a mais digna e a mais justa: *é integrar, sem mais delongas, esses extensíssimos domínios na legítima posse do Estado.*

E nada de hesitações!

tão negros como a alma que lhes vai roendo o corpo, para nos darem uma ilusão da sombra e fingirem-se fortes.

Quem pode tomá-los a sério? Esvurmam pús e lama sobre o convívio social e procuram afastar os «*ingetuos*» da aurora que vêm perto e cujo matinal crepúsculo tanto cerebro despertou...

Essa aurora vem rompendo e a sua luz entra já por todos os buracos e todas as frestas.

Eles usam cortinas espaçosas para perpetuar as trevas.

E' uma violencia. . .

Mas, podem lá encobrir o vivíssimo fulgor de tanta luz, luz ácida que os queimará?

Não. O reino deles não é o da terra; d'elles é o reino do céu.

Eles o disseram. Eles o repetiram. Eles o escreveram.

E nós—movidos por um sentimento humanitario—havemos de fazer-lhes a vontade.

Irão para o céu, visto não ser deles o reino da terra.

Muito bem. E nós, homens de pouca fé, por cá nos amanharemos aos «trancos ou aos mancos» para matar saudades.

Vimos notando que, á medida que nos exaltamos pela defeza sagrada das nossas ideias, elles se excedem numa série muito longa de risíveis pachouchadas — para não dizermos criminosas «*estupidizes*».

Acaso tomarão elles este nosso

servor como um sintoma de receio pela segurança da República?

—Loucos! A República ha-de vigorar sem necessidade d'elles.

Por ventura duvidam da nossa força esses morcegos e môchos, essas corujas e centopeias?

O que desejamos é esconjurar o perigo da sua infecção; que «*elles*», não podendo empunhar armas vis-a-vis, envenenam.

O resto, aquêl trabalho insano em derramar água benta pelas cabanas dos palonços, causanos riso.

Xijz

Este número foi pisado pela Comissão de Censura

## Na ordem do dia

Para não variar, O «Órgão da Maçonaria Reaccionária»—a «Voz» continua, como sempre, a combater a República, sem o devido respeito que todos devem ter pelas normas da boa educação.

Nemo, o Pontífice da seita traidora, é o supremo inspirador de todas as calúnias de que são vítimas os republicanos. E' ele, o *jesuita disfarçado*, o principal responsável pela attitude do seu «Pasquim»—farrapo imundo, que apenas tem uma utilidade: Servir de vasadouro à baba venenosa dos «Nemos»—que, talvez por um descuido da Natureza, vegetam no orbe *terráqueo* sob a figuração humana.

E não há nada que ponha um obstáculo á grande e repugnante onda de maldade que na sua carreira vertiginosa procura atingir e ferir o sublime ideal republicano, essa luz redentora que, em 5 de Outubro de 1910, iluminou o caminho que desde há muito estava traçado em Portugal—o caminho da Liberdade e do Progresso! Mas os «Nemos»—que não querem Liberdade nem Progresso, procuram destruir a Grande Obra que os Mártires da República nos legaram, obra que consiste num magestoso monumento alibercado nos princípios republicanos! A Democracia, que então principiou a ser a Padroeira d'esse monumento, têm sido a mais innocente vítima de todas as iras da reacção, e muito especialmente da reacção chefiada pela companhia dos «Nemos»—cujo chefe mais graduado é o indesejável e sarcástico Fernando de Sousa.

Este homem, que devia ser reduzido á sua insignificância jornalística, tem, com certeza, a pesar sobre si as mais tremendas responsabilidades provenientes da attitude que vem tomando para com a República. Mas continue «Nemo» na «Ordem do dia»—que nós, os republicanos, também continuaremos firmes e vigilantes.

## Mais uma vez

Voltamos a lombiar à nossa C. A. C. M. que é deveras oportuno lançar os olhos sobre as avenidas das muralhas.

Nada de hesitações! Se chover tudo aquilo se transforma num autêntico chavascal onde alogariam os proprios moradores se acaso não estivessem precavidos com os utensílios *anti-fluviais e anti-marítimos*.

Os snrs. vereadores—é mórmente o do respectivo pelouro—têm uma grande responsabilidade nesta ninharia que é, tirada a prova dos nove, alguma coisa de importante.

Se, por vários motivos, não é possível efectuar já essas obras definitivamente, aconselhamos uma outra solução: *é fazer temporariamente umas passagens menos transformáveis em charcos.*

Assim se irá remediando até que os cofres do Município permitam coisa melhor.

Assina! «A Velha Guarda»

**Do estrangeiro**

Para variarmos um pouco vamos hoje apontar um facto que muito fere a nossa sensibilidade meridional. Passou-se entre estrangeiros, mas registámo-lo, todavia, na parte que mais sinceramente nos revolta. Porque as autoridades inglesas negaram hospitalidade a alguns emigrados espanhóis que no «Hildebrand» se dirigiam para a pátria de Shakespear após uma demora curtíssima neste jardim da Europa á beira mar plantado, tomou o comandante daquelle paquete uma attitude que se nos afigure arbitrariamente desumana: *foi pô-los a ferros com a intenção de entregá-los ao poder espanhol.*

Precisamente isto! Este homem cujo nome desconhecemos, merece a mais áspera censura de toda a gente de bem e crêmos ter chamado sobre si—depois do estranho gesto—a viva reprovação da alma liberal do universo inteiro.

Felizmente para os emigrados, o governo francês interveio, salutarmente, evitando o natural descalabro de tanta violencia.

Aí fica.

**Bernardino Jordão**

Este nosso amigo e valioso cor-religionário, membro da Comissão Política do P. R. P. em Guimarães, sofreu há dias uma ligeira queda que—felizmente—não teve outras consequencias, motivo porque sinceramente nos regosijamos. Um abraço.

**Carnes verdes**

Esta mercadoria tem encarecido inexplicavelmente.

O que será?

Os gados embaratecem a olhos vistos, mercê porventura do pânico que se vem espalhando sobre a lavoura.

Cumpre-nos levantar o grito de: *nem tanto encarecer!*

Que o resto pertence às autoridades.

No entanto, não havemos de morrer sem voltar ao assunto.

**Dr. Emídio Guerreiro**

De visita a seus pais, tem se demorado nesta cidade este nosso amigo e valioso republicano de princípios.

Os nossos cumprimentos.

**José Jacinto Júnior**

Restabelecido do ataque de gripe que, durante uns dias, o reteve no leito, regressou de Lisboa este nosso patricio e indefectível republicano.

Cumprimentos.

**Dizem-nos...**

E não sabemos se é verdade: que uma familia de *sangue azul*—passe o distintivo—faltou á mais restrita observancia á lei, se-pultando num jazigo privativo que *existe dentro do respectivo solar*, um dos seus mais importantes membros, ultimamente falecido.

O facto é singular. Porque, se é que não estamos em erro, o snr. ministro da justiça havia indeferido um requerimento que para tal fim lhe fôra submetido.

Dito isto, deixamos o resto á sagacidade e inteireza das nossas autoridades.

Se fôr mentira, é muito justo desfazer-se semelhante boato.

Com vista a «quem de direito».

**Asilos, Orfanatos e outros meios de protecção á infância**

Toda a gente sabe o quanto é embrionário este sistema de lutar contra a infelicidade da petizada.

Nós reconhecemos que ha uma parcela enorme da sociedade que, livre de todos os preconceitos, procura dar forma humana áquilo que é ainda *barro informe*.

Sabemos tudo isso. Mas, por uma curiosa coincidência, ha uma outra parcela, bem maior, que vem caldeando esse barro em misticismos e outros ingredientes aberrantes. E' necessário modificar um pouco a directriz destas coisas.

Há milhares de crianças que divagam ao abandono por esse País fóra—milhares de orfãos sem pão nem correctivo, sem aconchego nem educação.

E' doloroso, é triste, é edificante. Mas esta é a verdade!

A única verdade!...

Em contraposição, é-nos facilímo encontrar, por essas creches além, algumas crianças que têm país para lhes atenuar a situação.

Nós entendemos que todas essas *casas de caridade* deviam preferir as que são orfãs de facto; que deviam retirá-las das ruas, onde o vício e a corrupção são permanentes; que deviam procurar-lhes—por esse meio—um acesso, mais seguro, á maioridade. Nós—em presença da vida que disfrutamos nesta fase da civilização—chamamos a isto *caridade*, um nome sonoro que tantas agremiações piedosas deturpam e tantos *praticantes de profissão* desconhecem.

Toda a «gente de bem» deve atentar nestes contrastes. Voltemos a folha e vejamos estas instituições sob outro aspecto: *o educativo*.

Nos grandes meios a sua pedagogia vai-se amoldando á época em que vivemos. Em Lisboa e no Porto estes estabelecimentos são já alguma coisa. Ninguém o ignora, porque todos o propalam.

Pelas províncias o caso modifica-se radicalmente. E vem a propósito falar em Guimarães, onde tudo isso tomava um aspecto de-veras antiquado.

A reclusão forçada a que todas essas crianças estão voladas é positivamente para lamentar.

Não. Cá no nosso humilímo entender, elas têm uma necessidade absoluta de habituar-se ao convívio social. *Que será delas, amanhã, se tudo do mundo ignoram?*

Precisam de passear muito pela cidade e arrabaldes; é-lhes necessário respirar a plenos pulmões todo o ar possível, receber em cheio a luz a jorros. São coisas rudimentares da pedagogia.

Pense nisto quem de direito, porque cabar-lhe-hão forçosamente as responsabilidades de tal deformação.

Só vemos passar, de longe a longe, essas crianças para a igreja. Vão rezar ou assistir a qualquer funeral, com o propositado fim de receberem donativos, ou porque o defunto lhes legara uma esmola. Até nesta acção vulgarissima se lhes incute uma noção errada da vida: *o interesse*.

Nós chamamos-lhe noção errada em teoria; na prática é uma noção acertadissima.

Nada de illusões! Esta educação é deshumana, é monstruosa. Estão deformando assim os homens de amanhã—que—saídos dessas casas onde lhes é oculta toda a verdade, a realidade das coisas enfim—terão de batalhar como titãos ao enfrentar uma sociedade que os desconhece, dado o facto de os não tomar como mensageiros do passado.

Esta é a pura verdade! E essas crianças não têm culpa de semelhante ocorrência. Tem, como todos, um direito incontestavel: *viver*. E a vida de hoje não é, não pode ser, a que os seus orientadores manhosamente procuram fazer-lhes conceber.

**UM HOMEM**

Nós somos daquêles honrados vimezanenses que têm por certas individualidades a mais viva das simpatias.

Politicamente, há nomes que vibram em toda a alma Republicana porque simbolizam a tenácia do ideal aliada á conduta do cidadão.

Coerência e probidade!...

Nós conhecemos um que é—muito além disso—também um dos mais illustres filhos desta terra por a Guimarães já ter pago um pesadissimo tributo. Seria ocioso enunciar a sua longa fôlha de serviços.

Ninguém de boa fé pode negar que o Município foi muito e muito sob a sua bem orientada presidência. Foi o que devia sêr. Foi o que era necessário que sempre fôsse. Guimarães deve-lhe uma obra colossal, pois foi êle o primeiro que ousou heroicamente—para que negá-lo?—transformar a nossa *biblioteca de projectos* em realisação e factos.

De resto, era obra sua quasi tudo o mais que de bom se tem feito de há cinco anos a esta parte. Nós devemos-lhe estas palavras de justiça, palavras que urge repisar e verberar bem alto para desfazer possíveis equívocos.

Porque tendo a coragem de discordar lealmente do Governo da Ditadura Militar—sem deixarmos de reconhecer-lhe, todavia, o seu republicanismo—estamos de certo modo convencidos de que a este Governo lhe deve ser simpática a ideia de todo o elogio a Republicanos de verdade.

... Mas, todo este arangel têm um único propósito; vamos expô-lo em sintese para reatarmos o fio da nossa conversa: é o de muitas vezes ser omitido o nome de tão valoroso português quando se pretende apreciar a História de Guimarães nos últimos tempos. O político cega a vista daquêles que vegetam em campo contrario, a ponto de não vêrem o vimezanense cheio de abnegação.

Isto não é facciosismo ou maneira intencional de lobrigar as coisas.

E' simplesmente dizer uma verdade flagrante.

Ao nosso brilhante amigo, um abraço de saudade.

Ponhamos todos, resolutamente, os olhos no triste espectáculo. E' vê-las; afora a aprendizagem das primeiras letras e de qualquer officio, *só rezam e ouvem missa e assistem a funerais*. O resto do mundo cessou para elas. Não existe.

Para um seculo... de luz... é frisante tamanho contraste.

David Braga

P. S.—E' possível que brevemente façamos um segundo artigo, sobre esta matéria, que será como que o complemento do primeiro.

Porque se ainda não disse tudo.

D. B.

**Carnaval**

Uma autêntica chucadeira! Nem graça, nem originalidade, nem limpeza...

O que vimos este ano foi para e simplesmente a reedição absurda de alguns coçados dominós, de grosseiras imitações e fantástica variedade de farrapos.

Farrapos e porcaria! E o Zé, que curiosamente espreitava na borda dos passeios, dizia a rir: *já te matei ó máscara!*—querendo insinuar, com a sua ingénua filosofia, que descobriu mais um tolo através da típica carêta.

Nós também assistimos a isto e, confessamos, o caso divertiu-nos; porque, a nenhuma graça daquilo era, decerto modo, um motivo ou recreio.

**Já se vê...**

Um jornal catolico da Póvoa de Lanhoso diz sêr preciso fazer em Portugal o que na Argentina se está efectuando: *reduzir os vencimentos dos funcionarios, civis e militares, de 12% a 18% para equilibrar o orçamento*.

Seria bom que o *fidellissimo colega* arranjasse outra, que esta anda moída.

Quanto a nós, o orçamento equilibrar-se-ia se os tonsurados e consequentes comitivas usufruissem menos prebendas ociosamente. Era uma parcela minima que se lhes diminuia em beneficio de todos.

Ou não é assim?

**Jesuitismo**

«A Voz Republicana», do Entroncamento, publicava ultimamente um clamoroso artigo sobre esta casta de gente.

O colega estabelece confrontos e frisa attitudes com muita precisão.

E' uma verdade. O jesuita adota muitas armas, e entre elas a paciência e a infiltração. De ha muito—como diz—vem recrutando pelas aldeias, e até pelas cidades, rapazes e donzelas.

São mancebos *de rosto pallido e olhar manso e astuto*.

O povo não esqueceu o que lhe ensinaram em 1910... mas, é tão longínqua essa lição!

O povo tem muitas vezes a rara esperteza de tudo observar e—se simula fechar os olhos ante a nuvem de jesuitas que inunda as nossas regiões—é para melhor a presenciar.

Entretanto, façamos uma campanha de elucidação para os menos precavidos.

Para a frente.

**Falecimentos**

Faleceu, no passado dia 15, o velho e honrado mestre de cortumes, snr. Manuel Ribeiro Venancio. O extinto era pai do nosso amigo e prestante cor-religionário, snr. António Ribeiro Venancio.

Apresentamos á familia e—muito particularmente—á este nosso bom e leal cor-religionário, a expressão também leal dos nossos sentimentos.

Também faleceu, no pretérito dia 14, o antigo negociante desta praça, snr. Joaquim Pereira Mendes.

Apresentamos á familia as nossas condolencias.

**Lêde e propagai**

«A Velha Guarda»,

**EDITAL**

José Maria Pereira Leite de Magalhães e Couto, administrador do concelho de Guimarães:

Faz público que, para os devidos efeitos e para cumprimento do artigo 8.º do Decreto n.º 8.364 de 25 de Agosto de 1922, a esta secção administrativa da Câmara, baixou o edital da Circunscrição industrial, que é do teor seguinte:

Manuel Jacinto Elol Moniz Junior, Engenheiro-Chefe da 1.ª Circunscrição Industrial:

Faz saber que: António Ferreira de Araújo requereu licença para instalar uma fabrica de tecelagem manual e tinturaria, incluída na 2.ª classe, com os inconvenientes de barulho, trepidação, perigo de incêndio, emanações, fumos nocivos e inquinação das águas, no lugar de Pevidem, freguesia de S. Jorge do Selho, concelho de Guimarães, distrito de Braga, confrontando ao norte e poente com o requerente, ao sul com Estrada Municipal e ao nascente com terrenos de José Joaquim de Sá.

Nos termos do Regulamento das indústrias insalubres, incómodas, perigosas ou tóxicas e dentro do prazo de 30 dias, a contar da data da publicação deste edital, podem todas as pessoas interessadas apresentar reclamações por escrito, contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo, nesta Circunscrição, com sede no Porto, rua Sã de Bandeira, n.º 142-2.º

Porto e Secretaria da 1.ª Circunscrição Industrial, 13 de Fevereiro de 1931.

O Engenheiro-Chefe,

Manuel Jacinto Elol Moniz Junior.

E' o quanto se contem no referido edital.

Guimarães, secção administrativa da Câmara, aos 18 de Fevereiro de 1931 e um.

E eu, José Fernandes Ribeiro Gomes, chefe da secção administrativa, o escrevi.

José Maria Pereira Leite de Magalhães e Couto.

**CASAS**

Vendem-se nesta cidade, devolutas, trez moradas de casas com quintal. Preço acessível.

Falar com Avelino Faria Guimarães.

**VENDE-SE**

Automóvel «Overland», 5 lugares, em bom estado.

Falar na Praça de D. Afonso Henriques, 38 e 39.

Assinaí «A Velha Guarda»